

## APRESENTAÇÃO

Neste número dedicado à poesia, encontramos artigos falando de poetas que escreveram em verso e em prosa, nos séculos XIX e XX: Victor Hugo, Aloysius Bertrand, Charles Baudelaire, Tristan Corbière, Francis Ponge. Há, também, a tradução de uma novela de Jules Laforgue, que pode se considerar escrita em uma prosa bastante poética. Completando o volume, encontra-se a resenha de uma tradução das Reflexões e máximas de Vauvenargues (1715-1747).

A presença de Victor Hugo, quando se fala de poesia francesa, não é surpreendente, mesmo no século XXI. Nesse sentido, é bem oportuno o texto de Daniela Mantarro Callipo, que traça uma retrospectiva da produção poética do grande poeta do século XIX, desde seus primeiros versos, aos 13 anos, até os momentos derradeiros de sua vida, nos quais, apesar de ter cessado sua produção, faz publicar muitas composições que haviam ficado guardadas, inéditas. Em sua obra, o poeta expôs sua vida, tratou de problemas políticos da França, dedicou-se a questionamentos filosóficos, existenciais, amorosos, examinou os problemas estéticos que o romantismo colocou à literatura clássica francesa, dando-lhes novos direcionamentos dentro da arte poética no século XIX. Ao examinar alguns de seus poemas, Callipo comprova, mais uma vez, a força dos versos hugoanos, plasmados em um vocabulário rico, com diversidade rítmica, sonora, nos quais a forma é expressiva daquilo que o poeta, em sua função de profeta, quer dizer a seus leitores, tão numerosos em seu século e no seguinte.

Outro poeta que consta deste volume, contemporâneo de Hugo mas sem a mesma repercussão, é Aloysius Bertrand, autor reconhecido como aquele que inaugurou o poema em prosa na literatura francesa em período romântico. Rogério de Melo Franco volta a esta revista com um novo artigo, “O Fantasma da abolição da diferença entre Artes em *Gaspard de la Nuit*: reflexões sobre dois poemas em prosa”, no qual aborda os poemas do poeta como novo gênero, paradoxal, que vem na esteira dos primeiros românticos alemães e de seu conceito de ironia, de que os franceses não tomaram conhecimento em sua época. Daí que o próprio Bertrand falou de sua obra como de “um novo gênero de prosa”, na qual é possível perceber a presença das tensões da modernidade: poema e

prosa, fragmento e totalidade, poético e pictórico, passado e presente. Bertrand, visivelmente, inclui em seus poemas problemáticas importantes de seu tempo. O articulista faz a leitura de duas peças de *Gaspard* recorrendo à idéia romântica de solidariedade entre as artes, pela qual, aliás, Bertrand foi reprovado pela crítica sua contemporânea, ao buscar a relação entre o pictórico e o verbal.

Impossível falar de poesia francesa sem a presença de Charles Baudelaire, cuja obra se abre, sempre inesgotável, ao trabalho crítico. Desta feita, Ravel Giordano Paz focaliza, inicialmente os sentimentos do satanismo e da rebeldia, elementos estéticos vitais neste poeta, mas que se diluem, segundo ele, quando integrados nos esquemas críticos. Com um título longo, “De príncipes e (ex)conjurados: rebeldia, idealismo e comunidade em Baudelaire (À sombra do Terror)”, o articulista observa em seu texto que, Hugo Friedrich, em sua interpretação do poeta, atribui-lhe posição privilegiada. Walter Benjamin também atenta para as ambigüidades da poesia baudelaireana, ao tratar da correlação entre alegoria e ruinosidade. Já Marcos Siscar, ao abordar a questão do paradoxo no poeta francês, demonstra a possibilidade da subversão dessas leituras, por um questionamento do idealismo que Benjamin encontra em Baudelaire. Realizando sua leitura global do poeta, aponta Ravel, Siscar crê na presença de uma lógica do paradoxo, consciente e cultivada, na obra baudelaireana, e propõe mantê-la em nome dos direitos da ficção poética. Nosso articulista acrescenta, então, que a lógica do paradoxo nem sempre dissolve as fronteiras entre os campos e sentidos em disputa, mas, ao contrário, frequentemente, apenas os volatiliza e imprime-lhes determinada lógica, por mais indeterminada que ela se lhe afigure. Assim, diz ele, não há como ser fiel à “estética do choque” baudelaireana sem se submeter a ela, mobilizando-a criticamente, utilizando-a como “instrumento de leitura” das ambíguas posições do poeta a respeito de certa figuração/personificação do Terror. Ravel recorre a alguns poemas, sobretudo da quinta parte de *Les Fleurs du mal*, para exemplificar a presença explícita do topos da revolta coletiva em Baudelaire.

*Les amours jaunes* (1873), de Édouard-Joachim Corbière, ou, como ficou conhecido, Tristan Corbière (1845-1875), é outra obra do século XIX que tem espaço neste volume. Lilian Yuri Yoshimoto e Silvana Vieira da Silva, em “Tristan Corbière e a imagética do interstício”, abordam o poeta finissecular para examinar as imagens de que faz uso, as quais denotam a busca de uma renovação das formas artísticas e, por meio dela, os interstícios da identidade lírica do sujeito moderno. O livro de Corbière é importante, também, porque é seu único legado que permite aos leitores compreender a concepção de arte,

os objetivos do poeta, ao escrevê-lo. O niilismo que se desprende de seus poemas resulta da incapacidade de conciliar a atemporalidade da lírica com as necessidades imediatas da sociedade da época. É isso mesmo que Baudelaire, de quem Corbière é herdeiro, veio sintetizar em sua concepção de beleza, segundo a qual o belo é feito de um elemento eterno, invariável, e de outro relativo, circunstancial. Corbière propõe construir uma arte e uma identidade poéticas que negam a tradição e, para isso, criar uma imagética que tentará exprimir o inexprimível. Representante, segundo o crítico E. Wilson, da tradição “irônico-colocual” do Simbolismo, ao contrário de Mallarmé e seus adeptos, Corbière não almejava a transcendência como forma de escapar de uma existência que o oprimia. De Baudelaire, ele herdou ainda a faceta decadente, o *spleen*, a ironia, a dessacralização, o pessimismo em relação ao universo feminino, que exprimiu em uma linguagem poética moderna, a qual espera a participação do leitor na construção do texto. O artigo aponta, também, para a presença, no livro, da vida e da atmosfera bretã, que ele trata com bastante realismo: os anseios, o linguajar coloquial e rústico, as aventuras dos marinheiros constroem um regionalismo que busca atingir, no entanto, um caráter universalizante.

Passando ao século XX, Patrícia Aparecida Antonio apresenta artigo intitulado “Francispongear a coisa: sujeito lírico e percepção em *Le parti pris des choses*”, no qual faz a leitura de um poema desse livro, publicado em 1942 por Francis Ponge (1899-1988), o qual contem verdadeiros poemas em prosa curtos, que dizem, de maneira objetiva, as coisas triviais do cotidiano, como a vela, a laranja, o *escargot*, entre outras. O intuito do poeta é mostrar que o hábito oculta o potencial afetivo e sensorial das coisas mais prosaicas e familiares. Ao descrever e definir cada coisa em seu poema, Ponge mostra o maravilhoso que reside nelas. Trata-se sempre de um jogo entre os objetos e as palavras, que o autor denomina “*objet*”. Ir à coisa para deixá-la falar. Quanto ao eu lírico e seu embate com a coisa, Collot, citado pela articulista, chama-o de um lirismo “transpessoal”. Para ilustrar como tudo isso se dá, Patrícia Antonio faz uma análise de “*Pluie*” [Chuva], na qual observa afinidades entre a poesia pongiana e alguns aspectos da fenomenologia e da teoria da poesia. Trata-se aqui de estabelecer a aproximação entre o homem e as coisas cotidianas que ele não tem sabido ver, para, no final, alcançar esse homem, sua subjetividade, sua humanidade, sua interioridade, seus diferentes modos de ser.

O texto traduzido – *Les deux pigeons* [Os dois pombos] –, de Jules Laforgue, é paródia de uma fábula de La Fontaine, de 1678, que, no século XIX, foi retomada, em 1886, por Henri de Régnier e Louis Mérante, que escreveram, a

partir dele, um libreto de três atos para um ballet, no qual os autores passaram do mundo dos animais para o dos homens. Um dos críticos do poeta, André Grojnowski, comenta que, em 1886, entre as novelas que constituiriam as *Moralidades Legendárias*, havia uma que não se inspirava em lendas ou mitos, e tinha como título *L’Incomprise*. Ora, aproveitando o sucesso do balé, comenta Grojnowski, Laforgue teria mudado o nome de sua novela para *Les deux pigeons*, que oferecia a vantagem de referir-se à tradição e à atualidade. O texto, que contem todos os procedimentos caros à Laforgue na produção de sua poesia, traz uma linguagem propositadamente poética, a qual contribui, desse modo, para os efeitos paródicos e, mesmo, cômicos, que o poeta quer produzir.

Neste volume estamos publicando, também, a resenha da tradução de *Reflexões e máximas*, por Hély de Bruchard e Fulvia Maria Luiza Moretto, pela Editora da Unesp em 2007. A obra de Luc de Clapiers Vauvenargues (1715-1747), que ele escreveu em 1746, um pouco antes de falecer com 32 anos, impõe-se pela originalidade, por sua posição precursora na literatura francesa, como bem assinala uma das tradutoras. Anuncia Jean-Jacques Rousseau e o romantismo e abre-se para a sensibilidade e os sentimentos que marcaram a segunda metade do século XVIII.

Guacira Marcondes Machado